

GLOSSÁRIO¹

Edileuda Soares Diniz²

<p>ALTERIDADE - A condição daquilo que é diferente de mim; a condição de ser do outro.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>
<p>AMBIGUIDADE – (lat. <i>ambiguitas</i>: duplo sentido) 1. Duplo sentido de uma palavra ou de uma expressão. 2. Condição do ser humano que reside na impossibilidade de fixar, previamente, um sentido para sua existência. “Não devemos confundir a noção de ambiguidade com a de absurdo. Declarar a existência absurda é negar que ela possa dar-se um sentido; dizer que ela é ambígua é afirmar que o sentido jamais lhe é fixado, que ele deve incessantemente ser conquistado” (Simone de Beauvoir)</p>	<p>JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.</p>
<p>CIBORGUE – Forma abreviada de “CYBernetico ORGanismo” (Organismo cibernético) termo cunhado em 1960 pelo cientista estadunidense Manfred E. Clynes. Significa a simbiose entre o ser humano e o seu ambiente tecnológico. No âmbito dos estudos culturais, o termo está identificado a teórica estadunidense Donna J. Haraway, que argumenta que a subjetividade contemporânea é feita de ciborgues: seres híbridos, resultantes da combinação entre ser humano e máquina.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>
<p>CONTINGÊNCIA – (lat. <i>Tardio contingentia</i>: acaso) 1. Caráter de tudo aquilo que é concebido como podendo ser ou não ser, ou ser algo diferente do que é. 2. Na filosofia existencialista, caráter daquilo que não possui, em si mesmo, sua própria razão de ser: “o ser é sem razão, sem causa e sem necessidade; a própria definição o ser nos dá sua contingência original” (Sartre). 3. Acontecimento do qual não podemos reduzir o aparecimento a um feixe de causalidades; é um acontecimento (como uma emergência) de ocorrência possível ma incerta. 4. Assim como Deus é o <i>*necessário</i>, porque é a causa de</p>	<p>JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.</p>

¹ Glossário compilado especialmente para utilização na disciplina TÓPICOS EM POLÍTICAS EDUCACIONAIS: currículo, políticas e contextos no Brasil do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Educação (CE)/UFPB-CAMPUS I ministrada pela Profa. Dra. Maria Zuleide da Costa Pereira do período 2014.2

² Doutoranda do PPGE/CE/UFPB-CAMPUS I da Linha de Pesquisa Políticas Educacionais; Profa. Assistente IV do DCI/CCSA/UFPB-CAMPUS I – email: dinizleda@hotmail.com

<p>sua existência, o homem é um ser contingente. E essa contingência pode estender-se a todo elemento do mundo real, pois nada neste mundo possui seu princípio de existência em si mesmo: “O essencial é contingência. Quero dizer que, por definição, a existência não é necessária. Existir é <i>ser-aí</i>, simplesmente; os existentes aparecem, se deixam <i>encontrar</i>, mas não podemos jamais <i>deduzi-los</i>” (Sartre).</p>	
<p>DESIGUALDADE – No contexto da sociologia crítica da educação, a condição na qual os diferentes grupos sociais – definidos principalmente em termos de classes sociais – apropriam-se de forma desproporcional dos recursos materiais e simbólicos a sociedade. Descrever e explicar as situações de desigualdade na educação – relacionando-as às desigualdades sociais mais amplas – tem sido uma das tarefas centrais da sociologia crítica da educação.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>
<p>DETERMINISMO – (do al. <i>Determinismus</i>) 1. Como princípio segundo o qual os fenômenos da natureza são regidos por leis, o determinismo é a condição de possibilidade da ciência: “A definição do determinismo pela previsão rigorosa dos fenômenos parece a única que a física pode aceitar, por ser a única realmente verificável” (Louis de Broglie). 2. Doutrina filosófica que implica a negação do livre-arbítrio e segundo a qual tudo, no universo, inclusive a vontade humana, está submetido à necessidade. Com Descartes, a natureza é matemática em sua essência: uma natureza que não fosse matemática contradiria a ideia de perfeição divina. Para Espinosa, “não há na alma nenhuma vontade absoluta ou livre”. Em Kant, o determinismo deixa de ser metafísico para fazer parte da legislação que o espírito impõe às coisas para conhecê-las. Não há oposição entre o determinismo e a liberdade, porque ele pertence à ordem dos fenômenos, enquanto a liberdade pertence à ordem numenal. 3. O princípio do determinismo universal é aquele segundo o qual todos os fenômenos naturais estão ligados uns aos outros por relações invariáveis ou leis. Inaugura por Laplace, este princípio afirma que o conhecimento do estado do universo, num momento dado, e o conhecimento das leis da mecânica permitem prever rigorosamente todos os estados futuros, porque não há nenhuma independência das séries causais. “Devemos considerar o estado presente do universo como o efeito de seu estado anterior e inteligência que, por um instante dado, conhecesse todas as forças de que a natureza é animada e a situação respectiva dos seres que a compõem, englobaria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do universo e os do mais leve átomo; nada seria incerto para ela, e o futuro como o passado,</p>	<p>JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.</p>

<p>seria presente a seus olhos” (Laplace). Observemos que esse determinismo cada vez mais cede lugar a um postulado mais próximo da realidade científica: o real é inteligível. Fala-se ainda de determinismo psicológico: nosso passado, nossa educação e nossa situação social determinam (são a causa de) aquilo que acreditamos ser nossas escolhas. Em outras palavras, o determinismo psíquico é uma teoria segundo a qual toda ideia, toda imagem, toda representação tec., vindo espontaneamente à consciência, encontra-se necessariamente ligada ao conflito patogênico do qual ela é a representação despistada.</p>	
<p>DEVIR – (fr. <i>Devenir</i>, do lat. <i>Devenire</i>: chegar. 1. O problema do devir é colocado claramente por Platão: tudo se passa como se o filósofo, cuja tarefa é a de construir a <i>sophia</i>, graças a esse poder que ‘o logos, tivesse que conhecer duas posições extremas a fim de ultrapassá-las: a) a de Heráclito, para quem tudo o que existe é conduzido pelo fluxo do devir: nada é, tudo flui, o devir universal é a lei do universo – tudo o que é nasce, se transforma e se dissolve, de tal forma que todo juízo, desde que pronunciado, torna-se caduco e não remete mais a nada; b) a posição antagônica de Parmênides: o Ser não comporta nem nascimento nem morte, o devir só poder uma ilusão, o Ser é imutável ou não é o Ser – se o Ser é assim, nada podemos dizer dele, a não ser que ele é: todo discurso se reduz a isso: o Ser é, o não-Ser não é. Nos dois casos nenhum saber é possível. 2. Na filosofia aristotélico-escolástica, o devir nada mais é que a passagem – por geração, por destruição, por alteração, pelo aumento ou pelo movimento local – da potência ao ato. 3. Em Hegel, o devir constitui a síntese dialética do ser e do não-ser, pois tudo o que existe é contraditório estando, por isso mesmo, sujeito a desaparecer (o que constitui um elemento constante de renovação). A filosofia tem que “pensar” a vida”.., diz Hegel, quer dizer, pensar a história, o devir dos homens e das sociedades. Assim, a historicidade entra como a dimensão fundamental do real e o devir se torna a verdade mesma do Ser. O pensamento posterior é dominado por essa ampliação do campo da racionalidade: daí ser chamado de dialético. Exemplo disso é a investigação de Marx como filosofia materialista das transformações sociais e como teoria da revolução.</p>	<p>JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.</p>
<p>DIFERENÇA – Conceito que passou a ganhar importância na teorização educacional crítica a partir da emergência da chamada “política de identidade” e dos movimentos multiculturalistas. Neste contexto, refere-se às diferenças culturais entre os diversos grupos sociais, definido em termos de divisões sociais tais como classe raça, etnia, gênero, sexualidade e nacionalidade. Em</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>

<p>algumas das perspectivas multiculturalistas, a diferença cultural é simplesmente tomada como um dado da vida social que deve ser respeitado. Nas perspectivas teóricas pós-estruturalistas, a diferença, entretanto, é um processo social estreitamente vinculado à significação. Num contexto filosófico, fala-se de “filosofia da diferença” para se referir a certas tendências filosóficas contemporâneas que se centram no conceito de diferença, opondo-se, nesse sentido às filosofias que se fundamentam na dialética, as quais são criticadas, sobretudo, porque, ao resolverem a contradição por meio de uma negação da negação, acabam por reafirmar a identidade e a mesmidade. Embora baseado em noções de diferença que não são coincidentes, pode-se nomear Gilles Deleuze e Jacques Derrida como os principais representantes de uma “filosofia da diferença”. Ao se caracterizar o chamado “pós-estruturalismo”, esquece-se, em geral, que esse movimento teórico contemporâneo define-se também por sua rejeição a dialética e por sua consequente afirmação do princípio da diferença, e não apenas por sua reação ao estruturalismo e seus pressupostos sobre o discurso e a linguagem. É este último aspecto do pós-estruturalismo que tem sido ressaltado na teoria educacional crítica recente, tendo-se dados, em contraposição, pouca atenção ao primeiro.</p>	
<p>DIVERSIDADE – No contexto da chamada “política de identidade”, o termo está associado ao movimento do multiculturalismo. Nessa perspectiva, considera-se que a sociedade contemporânea é caracterizada por sua diversidade cultural, isto é, pela coexistência de diferentes e variadas formas (étnicas, raciais, de gênero, sexuais) de manifestação da existência humana, as quais não podem ser hierarquizadas por nenhum critério absoluto ou essencial. Em geral, utiliza-se o termo para advogar uma política de tolerância e respeito as diferentes culturas. Ele tem, entretanto, pouca relevância teórica, sobretudo por seu evidente essencialismo cultural, trazendo implícita a ideia de que a diversidade está dada, que ela preexiste aos processos sociais pelos quais- numa outra perspectiva – ela foi, antes de qualquer coisa, criada. Prefere-se neste sentido, o conceito de “diferença”, por enfatizar o processo social de produção da diferença e da identidade, em suas conexões, sobretudo, com relações de poder e autoridade.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>
<p>DOXA – Na teorização crítica de Bourdieu, o conjunto de crenças que constituem o senso comum, isto é, que são tomadas como dadas e assentadas- sem questionamento.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso</p>

	em: 4 nov. 2014.
<p>FETICHISMO – Na análise de Marx, trata-se do fetichismo da mercadoria : tendência a tomar como sendo “coisas”, as relações sociais que a mercadoria e o processo de troca capitalista.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>
<p>MULTICULTURALISMO - Movimento que, fundamentalmente, argumenta em favor de um currículo que seja culturalmente inclusivo, incorporando as tradições culturais dos diferentes grupos culturais e sociais. Pode ser visto como os resultados de uma reivindicação de grupo a subordinados – como as mulheres, as pessoas negras e as homossexuais, por exemplo – para que os conhecimentos integrantes de suas tradições culturais sejam incluídos nos currículos escolares e universitários. Mais criticamente, entretanto, também pode ser visto como uma estratégia dos grupos dominantes, em países metropolitanos da antiga ordem colonial, para conter e controlar as demandas dos grupos de imigrantes das antigas colônias.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>
<p>OBJETIVISMO – 1. Em teoria do conhecimento e filosofia da ciência, concepção característica sobretudo do positivismo, que valoriza na relação de conhecimento o lado do objeto, em detrimento do sujeito. <i>Oposto</i> ao subjetivismo.</p> <p>2. Doutrina que supõe que a mente pode obter um acesso direto, peã percepção, à realidade tal qual ela é.</p> <p>3. A teoria kantiana do conhecimento pode ser considerada do conhecimento pode ser considerada objetivista na medida em que mantém o valor objetivo das representações.</p> <p>4. Do ponto de vista epistemológico, o objetivismo é a atitude daquele que acreditam que a marca registrada da objetividade científica consiste em reconhecer que, se algo fracassa, é porque há algum erro em algum lugar, uma vez que o fracasso significa erro, a verdade sendo apenas o rótulo provisório de um discurso que não fracassa.</p>	<p>JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.</p>
<p>PASTICHE – Cópia ou imitação de um objeto supostamente original. A teorização pós-modernista argumenta que no mundo pós-moderno a produção cultural é, em grande parte, feita de pastiches – imitações, cópias e reaproveitamentos de materiais e produções prévias. Pode-se observar exemplos de pastiches pós-modernos nas artes plásticas, na arquitetura, na literatura, no cinema, na moda e na cultura popular em geral. Ao mesmo tempo o pós-modernismo celebra o “pastiche” e defende sua utilização generalizada como uma forma de subversão e transgressão estética.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>

<p>PEDAGOGIA QUEER - Pedagogia relacionada à “teoria queer”, movimento político e teórico ligado aos estudos gays e lésbicos. A teoria queer amplia a crítica feminista da identidade de gênero e sexual hegemônica (masculina e heterossexual), radicalizando a idéia de que a identidade é sempre instável e precária.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>
<p>POLISSEMIA – (in. Polysemy; fr. Polysémie). Diversidade de referências semânticas (dos “significados”) possuídas pela mesma palavra.</p>	<p>ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 2007.</p>
<p>REIFICAÇÃO – (do lat. <i>res</i>: coisa) 1. Termo que possui sentido geralmente negativo, designando a transformação de uma *representação mental em uma “coisa”, atribuindo-lhe assim uma realidade autônoma, objetiva. Isso se dá, segundo a teoria psicanalítica, como efeito de neuroses e em certos estados alucinatorios, projetando-se para o real objetivo elementos da realidade psíquica. 2. Segundo a teoria marxista, a reificação é o último estágio da *alienação do trabalhador, no sentido de que sua força de trabalho se transforma em valor de troca, escapando a seu próprio controle e tornando-se uma “coisa autônoma”.</p>	<p>JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.</p>
<p>REPRESENTAÇÃO - Conceito central em campos como a Filosofia e a Psicologia Social, nos quais tem conotações bastante diferentes. Na análise cultural mais recente, refere-se às formas textuais e visuais através das quais se descrevem os diferentes grupos culturais e suas características. No contexto dos Estatutos Culturais, a análise da representação concentra-se em sua expressão material como “significante”: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia. Pesquisam-se aqui, sobretudo, as conexões no pressuposto de que não existe identidade fora da representação.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>
<p>REPRESENTAÇÃO – (lat. <i>repraesentatio</i>) Operação pela qual a *mente tem presente em si mesma uma *imagem mental, uma *ideia ou um *conceito correspondendo a um *objeto externo. A função da representação é exatamente a de tornar presente à *consciência a realidade externa, tornando-a um objeto da consciência, e estabelecendo assim a relação entre a consciência e o real. A noção de representação geralmente define-se por analogia com a visão e com o ato de formar uma imagem de algo, tratando-se no caso de uma “imagem não-sensível, não-visual”. Esta noção tem um papel central no pensamento moderno, sobretudo no *racionalismo cartesiano e na filosofia da consciência. Sob vários aspectos, entretanto, a relação de representação parece problemática, sendo por vezes entendida como uma relação de correspondência ou semelhança. A principal dificuldade parece ser o pressuposto de que a</p>	<p>JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.</p>

<p>consciência seria incapaz de apreender diretamente o objeto externo.</p>	
<p>SIGNIFICAÇÃO, PROCESSO DE - O processo social através do qual se produzem significados. Trata-se de um conceito central nos Estudos Culturais de inspiração pós-estruturalista, na medida em que a cultura é concebida essencialmente como um campo de luta em torno da produção de significados.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>
<p>SIGNIFICAÇÃO – A noção de significação varia (mais ou menos) consoante a teoria subjacente. Em Gramática de Montague, uma significação é uma função com dois argumentos: um mundo possível e contexto de emprego. O conjunto das significações possíveis é o conjunto das denotações de tipo “t” relativamente ao conjunto de pares ordenados <ç m>, i.e. contexto e mundo. Os sentidos, são, por outro lado funções com um só argumento. Esta distinção não recobre a de Frege sentido/referência. Por exemplo, em “aqui chove”, o sentido é uma função que identifica em cada mundo possível “aqui p” e a significação é relativa ao contexto (consoante o local em a frase é enunciada). (MONTAGUE, 1974).</p>	<p>DICIONÁRIO de linguística. Disponível em: <www.4shared.com/postDownload/2bZXKrUq/dicionario_de_lingstica.html>. Acesso em: 2 nov. 2014.</p>
<p>SIGNIFICADO - (do lat. <i>significare</i>) 1. A teoria do significado, em filosofia da linguagem, examina os vários aspectos de nossa compreensão das palavras e expressões linguísticas e dos *signos em geral. Um desses aspectos centrais é a relação de <i>referência</i>, que é um dos elementos constitutivos do significado. A referência é precisamente a relação entre o signo linguístico e o real, o objeto designado pelo signo. Outro aspecto, indicado na distinção proposta por Frege, é o <i>sentido</i>, ou seja, o modo pelo qual a referência é feita. Dois termos são sinônimos, p. ex., “Brasília” e “a capital do Brasil”, teriam a mesma referência, mas não o mesmo sentido. Outro aspecto da compreensão do significado diz respeito aos tipos de uso que uma expressão pode ter em contextos diferentes e para objetivos diferentes, o que determina uma diferença de significado. A concepção de que “o significado é o uso” é desenvolvida sobretudo a partir das teses de Wittgenstein. Autores como Quine indicam a importância da consideração do significado não a partir de uma sentença ou expressão linguística tomada isoladamente em sua relação com o real, mas levando-se em conta a totalidade da linguagem, isto é, a rede de relações de significação na qual essa sentença ou expressão se inclui, seus pressupostos, suas implicações. <i>Ver Semântica.</i></p> <p>2. O <i>estruturalismo linguístico</i>, a partir do linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), estabelece uma distinção entre <i>significado</i> e <i>significante</i>. Segundo essa concepção o signo linguístico resulta da combinação de</p>	<p>JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.</p>

<p>uma imagem acústica (o significante) e de um conceito (o significado), que formam na verdade uma unidade indissolúvel, dois aspectos da mesma realidade do signo. Essa distinção é retomada por Lacan em um sentido próprio, dentro de sua concepção do inconsciente como estruturado linguisticamente.</p>	
<p>SIGNIFICADO – Relação entre a estrutura linguística e o mundo (real e/ou possível). Este termo tem muitas interpretações consoante o domínio do saber em que é tratado ou a teoria subjacente. De acordo com o representacionismo psicológico, os significados são sobretudo representações mentais. No realismo semântico o significado é analisado como uma relação direta entre as expressões linguísticas e partes do mundo exterior. Esta última perspectiva tem recentemente sido influenciada por uma abordagem mais dinâmica do significado, dependente do contexto e aproximando-se de uma visão pragmática que apela à relação falante/ouvinte, ao seu conhecimento de mundo, etc. Para Saussure, o significado é uma das faces do signo, correspondente ao conceito.</p>	<p>DICIONÁRIO de linguística. Disponível em: www.4shared.com/postDownload/2bZXKrUq/dicionario_de_lingstica.html. Acesso em: 2 nov. 2014.</p>
<p>SIGNIFICANTE – Na proposta de Saussure, o significante é a parte do signo linguístico que se opõe ao significado, i.e., é a imagem acústica ou material que se encontra ligada arbitrariamente ao significado ou conceito. A sua característica fundamental é a linearidade, no sentido em que os elementos que o constituem sucedem-se no tempo de modo linear, formando uma cadeia ([p]+[a]+[t]+[u] = [‘patu], significante do signo “pato”), por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos, etc), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões.</p>	<p>DICIONÁRIO de linguística. Disponível em: www.4shared.com/postDownload/2bZXKrUq/dicionario_de_lingstica.html. Acesso em: 2 nov. 2014.</p>
<p>SIGNO – Na terminologia de Ferdinand de Saussure, o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces, a imagem acústica e o conceito, ou mais precisamente o significante e o significado, que se encontram ligadas e se postulam uma à outra. A sua principal característica é a arbitrariedade, i.e., não há nada no signo que determine a ligação do significante ao significado, essa ligação é imotivada. Para além disso, a sua existência é condicionada pela dos outros signos com os quais estabelece uma relação de interdependência ao nível dos seus elementos constituintes. (SAUSSURE, 1916).</p>	<p>DICIONÁRIO de linguística. Disponível em: www.4shared.com/postDownload/2bZXKrUq/dicionario_de_lingstica.html. Acesso em: 2 nov. 2014.</p>
<p>SIMULACRO – (lat. simulacrum). Na filosofia de Epicuro e de Lucrécio, é somente pelas sensações que conhecemos as coisas, mas na medida em que essas sensações são produzidas por simulacros, ou seja, por espécies de finos invólucros suscetíveis de nos transmitir a “imagem” das coisas e de afetar nossos sentidos. É assim que nasce a sensação, que nos fornece fielmente a imagem dos objetos originais, mas sem a sua força. As ilusões dos</p>	<p>JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.</p>

<p>sentidos se explicam pelas modificações dos simulacros em seu trajeto até nós. A teoria do simulacro foi utilizada para explicar os erros dos sentidos.</p>	
<p>SUBJETIVIDADE - Termo amplamente utilizado na teorização social contemporânea, com múltiplas conotações. É com frequência tomado simplesmente como sinônimo de “sujeito”. Neste sentido, pode-se aplicar ao conceito de “subjetividade” todos os questionamentos que são feitos ao conceito de “sujeito”. Em termos gerais, refere-se às propriedades e aos elementos que caracterizariam o ser humano como “sujeito”. Num certo registro, “subjetividade” opõe-se àqueles elementos que, no ser humano, se distinguem do que é caracteristicamente social, carregando as conotações de interioridade e essencialidade associadas à etimologia da palavra “sujeito” – sub-jectum, “substância que esta sob, subjacente”.</p>	<p>SILVA, T. T. Teoria cultural e educação: um vocabulário crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. Disponível em: <http://www.grupodec.net.br/ebooks/VocabularioTeoriaCultural.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2014.</p>
<p>TOLERÂNCIA – Na linguagem corrente, a tolerância é uma espécie de condescendência ou indulgência que impede a repressão ou condenação de uma atitude que não se compartilha. É também a aceitação passível daquilo que não pode impedir-se mas que não se aprova. No domínio sociológico e moral, a tolerância será a aceitação de uma certa margem de inconformismo. É o comportamento social segundo o qual se reconhece aos outros, particularmente a outros grupos, o direito de manifestarem opinião, crenças, condutas diferentes, embora não se esteja de acordo com elas. Em termos de uma sociedade, o espírito de tolerância supõe que se admita coletivamente o pluralismo, uma certa concepção de liberdade pessoal, e que qualquer espécie de totalitarismo esteja excluída.</p>	<p>BIROU, Alain. Dicionário de ciências sociais. Lisboa: Dom Quixote, 1982.</p>